

FH pede abertura para produtos brasileiros

Dida Sampaio/AE

Em discurso para investidores, presidente se queixa do protecionismo europeu na área agrícola

MIRIAM MOURA

Enviada especial

LONDRES — O presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem, diante de uma platéia de quase 500 investidores britânicos, que o Brasil está disposto a abrir ainda mais seu mercado, mas tem uma exigência: é preciso facilitar a entrada na Europa de determinados produtos nacionais.

“As exportações de produtos agrícolas e agroindustriais brasileiros continuam a enfrentar condições de difícil acesso ao mercado comum europeu”, avaliou. Muitos deles, reforçou, “competem com similares produzidos internamente na União Européia ao amparo de elevados subsídios que criam condições artificiais de concorrência e eliminam as vantagens comparativas dos nossos produtos”.

Em discurso feito no seminário Link into Latin America, o presidente falou sobre o potencial das economias do Brasil e da América Latina para novos investimentos e aproveitou para dar o recado à União Européia (UE). “É discussão de gente grande”, disse, mais tarde, em entrevista na residência oficial da embaixada.

Boa notícia — Depois, em almoço com o primeiro-ministro britânico, John Major, Fernando Henrique ouviu uma boa notícia do vice-presidente da Comissão Européia, Leon Brittan, o segundo na hierarquia da UE. Brittan acredita que dentro de 18 meses as questões agrícolas entre o Mercosul e a União Européia serão postas em discussão.

“Não fui eu quem pediu o prazo, foi ele quem deu”, explicou o presidente depois do almoço. “Ele foi bastante taxativo na questão agrícola e acredita que em 18 meses esteja com um sistema de concessões mais claramente delineado.”

De acordo com o presidente, o aceno feito pelo dirigente da UE significa que “eles (*os europeus*) estão percebendo que estamos entendendo esse processo e temos nossas reivindicações”. Outro fato ressaltado por Fernando Henrique depois do seminário é que os integrantes do Mercosul e os demais países da América do Sul estão unidos nas suas reivindicações.

Como exemplo, citou suas conversas com a chanceler da Colômbia, Maria Emma Mejia, e com o presidente do Peru, Alberto Fuji-



Com John Major: “Estão percebendo que temos reivindicações”

mori, ocorridas durante os preparativos da conferência. “Isso mostra a capacidade que começa a haver, em termos de América do Sul, de juntar esforços para que nós possamos nos integrar na economia globalizada de uma maneira que os interesses sejam respeitados”, completou.

Ao falar sobre a economia brasileira, o presidente mostrou que o Plano Real fez a inflação cair de quase 1.000% em 1994, para 23% em 1995 e 10% em 1996. Previu que o índice deverá ficar em torno de 7% em 1997. “Eu espero”, completou em seguida.

A média das tarifas de importação foi reduzida de 32% em 1990 para cerca de 14% em 1996. Mostrou que o investimento direto estrangeiro mais do que dobrou em um ano: de US\$ 2,9 bilhões em 1995 para US\$ 9,4 bilhões em 1996. O presidente estimou que este ano o Brasil vai receber US\$ 12 bilhões apenas em investimentos diretos na produção.

Fernando Henrique falou ainda das reservas internacionais brasileiras, que estão em US\$ 60 bilhões. “Isso representa mais de um ano de importações e nenhum outro país alcança tal proporção”, ressaltou. O presidente enfatizou que o controle da inflação produziu, de 1994 para cá, um “impressionante” efeito de distribuição de renda: 13 milhões de brasileiros foram tirados da linha da pobreza.

Fosso — Admitiu que o País ainda tem enormes disparidades de riqueza e qualidade de vida. “A diminuição desse fosso que divide os brasileiros é o objetivo número um da Nação e do governo”, afirmou.

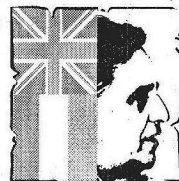
Aos britânicos, o presidente reconheceu que o Brasil ainda é um país injusto, embora não seja mais uma nação em desenvolvimento.

Ao falar sobre as reformas estruturais que o governo está tentando aprovar no Congresso, Fernando Henrique dirigiu-se especialmente a John Major. “Tenho certeza de que o primeiro-ministro conhece bem esse problema”, disse o presidente, ao declarar que não é fácil reformar um Estado, mas é necessário.

“O Brasil enfrenta o desafio de conseguir o equilíbrio fiscal”, admitiu ainda Fernando Henrique. No final, ao garantir que as mudanças que estão em andamento no Brasil “são para ficar”, o presidente não deixou de citar a aprovação de sua administração: “Quantos governos recebem 80% de apoio para suas reformas?”

Vantagens — Ao abrir a conferência, John Major ressaltara os progressos feitos pela América Latina para consolidar a democracia e a política econômica de mercado que está sendo adotada por seus países. Destacara, ainda, as previsões feitas pelo Banco Mundial de que a região terá nos próximos dez anos um dos crescimentos mais altos do mundo, depois do Sudeste Asiático. Aos investidores ingleses, disse que eles devem ter bom senso para aproveitar as vantagens que a região oferece.

O presidente do Peru, Alberto Fujimori, falou antes de Fernando Henrique e foi muito aplaudido quando agradeceu a solidariedade dos europeus no caso do seqüestro de diplomatas em seu país. Fujimori disse que a instabilidade econômica e social ainda persiste, embora mudanças estejam acontecendo. Em 1994, o Peru cresceu 12%. Entre 1996 a 1998, a taxa média de crescimento deverá ser de 4,6%. O País recebeu no ano passado US\$ 6,5 bilhões em investimentos diretos.



**DIRIGENTE DIZ
QUE DISCUSSÃO
COMEÇARÁ EM
18 MESES**